

GT 02 – PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR E BÁSICA
REFLEXÕES SOBRE A MONITORIA UNIVERSITÁRIA: COMO FAZEMOS O ENSINO UNIVERSITÁRIO?

Francisco Heitor Pimenta Patrício

Universidade Regional do Cariri – URCA

Heitor2014@hotmail.com

Giane Taeko Mori Rodella

Universidade Regional do Cariri

gianetaeko@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre como a prática da Monitoria Universitária (MU) auxilia os alunos novatos a entenderem o que é a cultura universitária e como ela atinge os alunos e professores no processo de adaptação a nova realidade na qual o aluno está inserido, já que este vem de uma realidade totalmente diferente da vivenciada na universidade. Para tanto, faz-se necessário entender como os monitores podem auxiliar os alunos ingressos na universidade a assimilarem essa cultura, já que estes estão em constante contato com os professores e com os outros alunos, além de já estarem inseridos na cultura universitária por mais tempo conhecendo os meios para adentrar e se adaptar a ela. Além disso, entendendo a monitoria como um recurso de extensão para o universitário treinar sua prática acadêmica, já que na maioria das universidades o aluno não passa por um processo de apoio ou incentivo para seguir no caminho da docência, propomos uma breve explanação dos resultados da Monitoria Universitária aplicada em 2018, para explicarmos como se deu esse processo na nossa realidade. Desse modo, as reflexões foram organizadas a partir da divisão do tema nessas três partes. Para este fim, utilizaremos o livro *A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias* (2007), organizado por Mirza Medeiros dos Santos e Nostradamos de Medeiros Lins, que reúne trabalhos sobre a monitoria universitária e seus efeitos, ainda usamos o livro *Aula de Português: encontro & interação* de Irlandé Antunes (2003), como apoio as discussões a respeito das práticas na sala de aula, iremos também utilizar os resultados de uma pesquisa *online* feita com os alunos do Curso de Letras, da Universidade Regional do Cariri, que participaram enquanto estavam no II Semestre da Monitoria Universitária de Linguística II: Fonética e Fonologia. Com isso, exemplificaremos como a teoria pode ser aplicada à prática, trazendo para o debate científico não só a teoria, como também a prática.

PALAVRAS-CHAVE: Monitoria universitária. Práticas docentes. Ensino universitário.

Introdução

A Monitoria Universitária (MU) tem como objetivo principal iniciar o aluno monitor à docência, além de propor uma reflexão crítico-metodológica a respeito dos processos de ensino nas universidades. Nesse sentido, é essencial que o monitor, assim como o professor orientador, estabeleça um diálogo, através do qual possam debater

sobre estratégias de ensino preocupadas com o estabelecimento de relações tanto com o contexto em que ocorrem quanto na relação entre os envolvidos: aluno, professor, monitor.

A legislação prevê que a monitoria deve, além de preparar o aluno para a docência, melhorar a qualidade de ensino. Isso implica dizer que a monitoria deve ser medida pela qualidade. Entendemos assim, que essa atividade deve comprometer-se a acompanhar as exigências de ensino da universidade, além auxiliar aos alunos novatos a se adaptarem às mudanças sociais do início de um curso superior. Assim, podemos pensar a monitoria como um espaço de crescimento de contribuição coletiva, o qual envolve todos os que dela participam.

Dessa forma, ao pensarmos mais estritamente nessas relações, surgem algumas reflexões que propomos responder nesse trabalho: primeiro, a importância da MU no processo de aprendizado e iniciação a docência na universidade, visto que inúmeras vezes as universidades estão cheias de profissionais sem preparo sob a ótica da prática docente, usando métodos de ensino aleatórios, sem nenhum estudo prévio, apenas colaborando com a política do “publique ou pereça”. Em outras palavras, há mais ênfase na publicação de artigos do que propostas viáveis para o exercício da docência. O número de publicações exigidas por ano para que os docentes pontuem no “Currículo Lattes” e alcancem níveis de classificação nos editais de bolsas remuneradas é um exemplo disso. Assim, os universitários são igualmente colocados nesse eixo do “publique ou pereça” e que, independente do seu esforço, nunca parecerá suficiente para a própria comunidade acadêmica.

Outro ponto a ser destacado nessa mesma linha de pensamento é a falta de preparo do próprio acadêmico para a vida acadêmica, a ausência de consciência do seu papel enquanto futuro profissional e as dificuldades de se ambientar à nova linguagem que lhe é apresentada. Pensando desse ponto de vista, chegamos também à questão do papel do professor e do monitor nesse processo. Por muito tempo, o professor foi visto como detentor de todo o conhecimento e o aluno, por outro lado, era apenas o receptor das informações pelo professor professadas. O ensino não era feito de modo crítico-reflexivo, mas sim como uma projeção de dogmas. De certa forma esse mesmo pensamento foi transplantado para a MU. Logo no início do uso do programa pelas universidades brasileiras, o monitor era visto apenas como um assistente do professor,

enquanto este tomava todas as decisões a respeito das atividades realizadas em sala, conteúdos a serem apresentados, entre outros. Esse processo, além de desgastar a relação entre os dois, que deve ser de parceria mútua no processo de melhorar o aprendizado, não se fazia cumprir os objetivos do projeto de monitoria. O monitor era quase desperdiçado, já que ele, por estar perto dos alunos, convivendo mais de perto com eles, conseguia perceber por um ponto de vista diferente do professor, alguns problemas pontuais, os quais poderiam ser apontados para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

A terceira e última reflexão a ser trabalhada aqui ocorre a partir de um pequeno relato de experiência sobre o efeito da MU na vida dos estudantes universitários, já que até então trabalhamos a teoria desse projeto. Mais especificamente, analisaremos os resultados obtidos na média final dos alunos do II Semestre do Curso de Letras, da disciplina de Linguística I: Fonética e fonologia, que participaram da UM, que ocorreu no ano de 2018, na Universidade Regional do Cariri – Unidade de Missão Velha. Com esses dados, estabeleceremos uma relação entre o que tínhamos em mente a respeito da relação: professor e monitor, na perspectiva do aprendizado dos acadêmicos, o tipo de método de ensino usado, por exemplo, e o resultado desses acadêmicos nas avaliações, além da adaptação deles com o meio universitário.

Para estes fins, nos apoiaremos no trabalho de Santos e Lins (2007) como organizadoras do livro “A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias”, no qual reúnem trabalhos críticos a respeito da monitoria, assim como do próprio ensino nas universidades públicas brasileiras. Fez-se necessário também a consulta das diretrizes da monitoria universitária na legislação brasileira, além de utilizar o livro “Aula de Português: encontro & interação” de Irandé Antunes (2003) buscando uma autorreflexão sobre os processos de ensino na MU.

Resultados e discussões

Percebemos com a MU que para chegarmos a fundo na reflexão sobre a importância da MU no âmbito acadêmico, é necessário sair da teoria e pensar sobre essa realidade na prática. Já que, como defendemos antes, a prática docente se faz pelo trabalho de reflexão e ação. Dessa forma, propomos sair um pouco da tradição cientificista, que exige produção acadêmica mais voltada para a teoria, limitando a prática de docência do professor e pretendemos trabalhar com experiências mais

concretas da sala de aula. Sabemos que parte do trabalho do docente, e aqui está incluso também o monitor, se faz com o auxílio de material científico, entretanto, é o “como se utiliza” esse material que diferencia as práticas docentes. A sala de aula e os demais ambientes de aprendizado mútuo é um terreno complexo e cheio de incertezas, portanto, não é possível a existência de um conhecimento científico que ensine a lidar com todas essas questões, temos que levar em consideração a vivência de cada pessoa que está sendo atingida pelos processos de ensino do professor ou do monitor. Schön (apud NUNES E LINS, 2007) faz referência à “reflexão na ação”, que é justamente a capacidade do docente de entender a sua sala de aula além da teoria. Além desse, o autor também trabalha com o “conhecimento da ação” que diz respeito a capacidade de autocrítica do docente sobre seus métodos. Como diz o autor

A reflexão sobre a ação e sobre a própria reflexão na ação representam oportunidades para se avaliar as ações implementadas e os caminhos percorridos, contribuindo não apenas com a avaliação do professor, mas da própria disciplina. O monitor, como partícipe do desenvolvimento da disciplina e elo entre o professor orientador e os alunos, pode representar um suporte a mais nesse processo. (SANTOS E LINS, 2007, p. 55)

Dessa forma, inserindo a MU nessa categoria de docente, ou de um futuro docente, podemos refletir sobre suas práticas com os outros alunos no momento da monitoria, investigando sua capacidade de refletir na ação e conhecer a ação, no sentido de suas metodologias, articulação de horários e resultados obtidos.

A MU que iremos utilizar para tratar da reflexão sobre a ação docente ocorreu no ano de 2018, na Universidade Regional do Cariri – URCA, na disciplina de Fonética e Fonologia, com os alunos do II Semestre do Curso de Letras. Para a discussão ser completa, utilizaremos dados coletados por meio de uma pesquisa *online* realizada com os alunos, os quais, cientes de que o material comporia o corpus da nossa pesquisa, responderam a um pequeno questionário. De modo geral, as respostas dos alunos foram opinativas a respeito do horário escolhido para o oferecimento da MU e, principalmente, sobre o método usado nessa prática discente e o quanto a monitoria os ajudou na aprendizagem da disciplina.

Entendeu-se, logo no início da MU, que os planos de horário montados pelos monitores não iriam se encaixar na rotina dos alunos. Para resolver esse problema, os acadêmicos, junto com os monitores, montaram um novo horário de funcionamento para as aulas. Quanto ao método, desde o começo preocupou-se com trabalhar não só a teoria da disciplina e a prática, mas também a oralidade e a escrita dos alunos, visto que

muitos ainda passavam por muitas dificuldades desse tipo. Trabalhamos primeiramente com a criação de textos reflexivos a respeito do conteúdo da MU do dia. Em seguida, os textos eram levados para casa, onde os monitores corrigiam e, no encontro seguinte, trabalhavam os erros mais frequentes com todos. Entretanto, notamos que os alunos ainda tinham muitas dúvidas, não só sobre o tema do texto, mas também sobre a forma como deveriam ter estruturado seus textos. Procurando resolução para esse problema, começamos a dividir a turma em duas equipes e trabalhar as correções com um número menor de discentes. Logo após, trabalhávamos os casos mais “graves” particularmente, como os casos de analfabetismo funcional. Isso mudou a dinâmica das aulas já que as atividades em grupo nos aproximavam mais dos alunos. Dessa forma, conseguimos também que eles se adequassem melhor aos nossos métodos. Ao serem questionados sobre isso 90,9% dos alunos achou satisfatório o modo como o conteúdo foi abordado na UM. Apenas 18,2% dos alunos teve alguma ressalva sobre como o conteúdo foi aproveitado e explorado. Os acadêmicos também foram questionados sobre as atividades propostas pelos monitores, e como essas atividades auxiliaram na aprendizagem, 81,8% desses alunos considerou as atividades de grande ajuda para o aprendizado. Quanto ao resultado final da avaliação da disciplina, 63,6% atribuiu o seu resultado à participação nos encontros da MU.

Nessa perspectiva, vê-se que a MU teve grande impacto na vida dos estudantes, contribuindo substancialmente para o seu processo de aprendizagem e para a internalização da cultura universitária. Também é notório que com a MU, os próprios monitores conseguiram entender melhor as reflexões necessárias para lidar com os problemas do ensino que surgem na sala de aula, saindo assim do universo da teoria e podendo ir para a prática. Isso notoriamente com o auxílio e orientação da professora orientadora que, longe de se encaixar no perfil de individualista que traçamos no início deste trabalho, sempre estava aberta às perguntas e sugestões.

Considerações Finais

São inúmeros os desafios pelos quais os estudantes e os professores passam no Ensino Superior. Dentre esses, a adequação à universidade e a elaboração de um método de aula que possibilite o aprendizado aos alunos. Dessa forma, percebemos uma grande necessidade de mudança nessa instância da universidade. Para isso, acreditamos que são necessárias mais pesquisas relacionadas aos processos de práticas docentes, além de uma maior valorização a esses processos.

Acreditamos que a MU é uma das estratégias possíveis e eficazes para a valorização do ensino, assim como para a entrada de novos profissionais conscientes na universidade. Ainda sobre a MU, consideramos ser de extrema importância para a assimilação da cultura universitária pelo aluno, já que esta é um dos maiores problemas enfrentados pelos universitários. Percebemos que a experiência com a MU subsidia o aluno monitor a entrar na vida da docência e, se for o caso, se nortear para seguir na profissão. A monitoria também é vista como um exercício para o professor sair da posição de “intocável”, na qual muitos se colocam, quando não permitem uma interação de “ação-reflexão-ação” com seus alunos. O mesmo exercício também facilita a interação do monitor com o professor e com os alunos.

A MU, como ficou conhecida através da pesquisa aqui apresentada, ajuda de maneira substancial o aprendizado dos acadêmicos, sobretudo aos novatos. Pois contribui para o resultado final da disciplina. Portanto acreditamos principalmente que o papel do monitor precisa ser valorizado e expandido também para a pesquisa, juntamente com o ensino, só assim o monitor será inserido totalmente no universo da docência e da pesquisa, e conseguirá junto com o professor, entender as necessidades dos alunos.

Referências:

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANTOS, Mirza Medeiros e LINS, Nostradamos de Medeiros. (Orgs.). **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias.** Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007. Disponível em: <arquivos.info.ufrn.br/arquivos/20110691428837665261ac9a0128cd2d/Monitoria.pdf>. Acesso em 07 de Janeiro de 2018.

BRASIL. Senado Federal, ***Lei Federal n.º 5540, de 28 de novembro de 1968.*** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2018.